

**FESTAS E TRADIÇÕES BOLIVIANAS NA METRÓPOLE: O CASO DAS DEVOÇÕES MARIANAS**

**FESTIVALS AND TRADITIONS IN BOLIVIAN METROPOLIS: THE CASE OF MARIAN DEVOTIONS**

Sidney Antônio da Silva<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo objetiva analisar o processo de recriação cultural dos bolivianos em São Paulo, a partir de suas festas devotas à Virgem Maria, focando a questão da permanência e da mudança nesse processo e os significados que tais práticas adquirem num novo contexto, marcado, às vezes, pelo preconceito de ordem social e étnico-cultural.

**Palavras-chave:** Bolivianos. Festas devocionais. Preconceito.

**Abstract**

This article aims to analyze the process of cultural recreation of Bolivians in Sao Paulo, focusing on the issue of permanence and change that involves the recreation of their devotional feasts and inquiring about the meanings that these celebrations have acquired in a new social context, marked sometimes, by social and ethno-cultural prejudices.

**Keywords:** Bolivians. Devotional feasts. Prejudice.

A cidade de São Paulo, lugar da reprodução socioeconômica de bolivianos(as), há mais de meio século, é também o lugar da ressignificação de suas tradições e crenças. Vindos de diferentes partes da Bolívia, de contextos predominantemente urbanos, mas também rurais, esses imigrantes são diferenciados social e etnicamente, e apostam tudo na realização de seus projetos migratórios, sejam eles individuais ou familiares.

A migração, entendida como um “fato social total” (SAYAD, 2000), coloca em movimento, tanto as sociedades de partida, quanto as de chegada ou passagem, possibilitando diferentes trocas materiais e simbólicas. Porém, não se trata de um

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social (USP). Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

processo fechado entre uma origem e um destino, que em tese resultaria numa completa ou parcial assimilação dos imigrados ao novo contexto sociocultural, mas na construção de “campos sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas” (GLICK-SHILLER, BASH E BLANC-SZANTON, 1995, p. ix).

Vistas fora dessa dinâmica, crenças e tradições culturais recriadas num novo contexto, correriam o risco de se tornarem em algo residual ou congeladas no tempo, ou ainda de serem vistas pela sociedade receptora como simples manifestações “folclóricas”, que pouco ou nada têm a ver com a cultura local. A recriação de práticas culturais num novo contexto, coloca, portanto, o problema da permanência e da mudança cultural, pois conteúdos culturais são colocados em “risco” pela ação dos seus agentes, numa dada conjuntura (SAHLINS, 1990, p. 15). É nessa perspectiva que nos propomos a analisar as festas devocionais bolivianas em São Paulo, com o objetivo de estabelecer a correlação da cultura com suas trajetórias migratórias na cidade, marcadas às vezes, pelo preconceito de ordem social e étnico-cultural.

### **Bolivianos em São Paulo: uma presença consolidada**

Em 1995, quando terminei a primeira pesquisa sobre um grupo de costureiros que trabalhavam no setor da costura em São Paulo (SILVA, 1997), a comunidade boliviana encontrava-se em processo de expansão e organização. Do ponto de vista demográfico, tínhamos um aumento da chegada de imigrantes, tanto do sexo masculino quanto feminino, em idade laboral e com uma escolaridade média. A presença de grupos familiares completos também era constatada, já que o empreendimento da costura envolve a mão de obra familiar e a dos que são contratados, em geral compatriotas, mas também de outras nacionalidades. Do ponto de vista espacial, era visível um processo de desconcentração urbana, para além dos tradicionais redutos desta imigração na cidade, a saber, os bairros do Bom Retiro, Pari, Brás, entre outros. Bairros da Zona Leste e Norte e municípios vizinhos da Região Metropolitana de São Paulo passaram a ser os destinos desses imigrantes (SILVA, 2006, p. 160). As razões para tal desconcentração podem ser entendidas como uma estratégia para fugir dos altos preços dos aluguéis praticados na zona central da cidade, bem como da possível fiscalização do

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

Ministério Público do Trabalho em suas oficinas de costura, grande parte delas irregulares naquele momento.

Durante a década de 1990, a imagem de trabalhadores(as) bolivianos do ramo da costura esteve associada com frequência à exploração do trabalho pelos seus empregadores, sejam eles, bolivianos, coreanos, brasileiros, entre outros, e não raras vezes, à condição análoga ao trabalho escravo, em razão das péssimas condições de trabalho a que eram submetidos e das exaustivas jornadas de trabalho exigidas para dar conta da produção encomendada por lojistas, inclusive, de grandes cadeias de comercialização de roupa. Num contexto de “acumulação flexível” e de terceirização da produção, a informalidade nas relações de trabalho tem sido o reflexo desta dinâmica econômica nas pequenas confecções, em geral, um empreendimento familiar que combina o trabalho dos membros da família nuclear com o de seus compatriotas, às vezes, parentes, contratados no regime de produção por peça costurada (SILVA, 1997, p. 135).

Vale lembrar, que este sistema de produção nunca foi exclusivo de bolivianos, ou seja, um “nicho étnico”, mas uma estratégia de reprodução econômica para latino-americanos e outros grupos que atuam no setor da confecção. Contudo, não se pode ignorar o fato de que elementos étnico-culturais comuns acabem permeando o processo de recrutamento dessa mão de obra, onde as relações de submissão são encobertas pela lógica do dom e do contra-dom, já que a dádiva (passagens, casa e alimentação), oferecida ao costureiro, se transforma em dívida, a ser paga por ele(a). Se por um lado, o empregador, em geral um compatriota, exige “fidelidade” da parte do seu contratado, por outro, a lei da oferta e da procura por esta mão de obra, possibilita a ruptura destes vínculos e uma circularidade de trabalhadores pelas oficinas, sejam elas de coreanos, bolivianos, paraguaios, brasileiros, entre outros.

Incomodados com a imagem negativa veiculada pela mídia e pressionados pelas frequentes fiscalizações do Ministério do Trabalho, donos de oficinas de costura se organizaram e várias gestões foram feitas junto ao poder público, com a mediação da Pastoral do Migrante, objetivando a regularização das oficinas de costura que se encontravam na informalidade. Entre as organizações que surgiram com o objetivo de fazer uma mediação nos conflitos entre costureiros e patrões, temos a Associação Comercial Bolívia-Brasil (BOLBRA), fundada em 2001 pelos donos das confecções.

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

Para tentar sanar a situação de indocumentação, o governo brasileiro tem realizado algumas ações pontuais, entre elas, concedendo anistias a cada dez anos e selando acordos de regularização migratória no contexto do Mercosul, como foi o firmado entre Brasil e Bolívia em agosto de 2005. Contudo, o marco regulatório brasileiro ainda em vigor, o já ultrapassado Estatuto do Estrangeiro de 1980, lei 6.815, é o grande entrave ao exercício da cidadania para os menos favorecidos, já que tal lei é fundada nos princípios securitários e não na perspectiva dos direitos humanos (SILVA, 2006, p. 162).

Se, por um lado, esta lei afeta diretamente trabalhadores menos qualificados, já que ela não prevê a regularização de quem está indocumentado no país, por outro, ela afeta também os mais qualificados, na medida em que dificulta a revalidação dos seus diplomas. Nesse sentido, profissionais liberais como médicos, eram obrigados a trabalhar com o CRM de outro médico, para poder sobreviver. Quando descobertos, eram taxados de “falsos médicos”.

Se no âmbito do acesso a direitos, passos significativos foram dados, no âmbito cultural algumas ações também merecem ser destacadas. Entre elas temos a criação de duas associações voltadas para a divulgação de práticas culturais bolivianas em São Paulo. A primeira, a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento”, foi fundada em 2002 por um grupo de comerciantes, com o objetivo de organizar a venda de produtos, serviços, comidas e atividades culturais na praça Kantuta. Esta praça está situada entre as ruas Pedro Vicente, Carnot e das Olarias no bairro do Pari e foi inaugurada informalmente pelos bolivianos em junho de 2002, após terem sido expulsos da praça Padre Bento ou praça do Pari, local de encontro da comunidade no fim da tarde de domingos.

Com o aumento da presença boliviana na cidade, os problemas começaram a aparecer, como o aumento do lixo no local, falta de banheiros públicos, brigas entre jovens bolivianos e brasileiros, consumo excessivo de bebidas alcólicas, entre outros. Frente a esta situação de aparente “desordem” urbana, moradores incomodados fizeram um abaixo assinado, pedindo às autoridades locais a remoção desta feira boliviana da referida praça. Na verdade, o desconforto se transformou em discriminação, pois um grupo de moradores colocou uma faixa na praça afirmando que aquele espaço pertencia

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

a eles, porque estavam ali há mais de cem anos, e que, portanto, eram os seus “legítimos donos” (SILVA, 2005b, p. 40).

No rescaldo dos fatos e de acusações mútuas, a transferência para o novo espaço acabou se efetivando, e a praça Kantuta se transformou numa referência para a comunidade boliviana e latino-americana na cidade, oferecendo uma diversidade de comidas bolivianas, entre elas a conhecida *salteña*, uma empanada assada e recheada com carne bovina ou de frango, com azeitona, passas, cebola e legumes. Por ser suculenta, recomenda-se comê-la de colher, pois é comum o extravasamento do molho, sujando a roupa dos desavisados.

Além da gastronomia, a feira oferece a venda de produtos típicos da região andina, entre eles, o *ch'uñu* (batata desidratada de cor escura), a *quinoa*, diferentes tipos de milho, chás, pães e diferentes serviços, como o de cabeleireiro, telefonia, fotografia, vagas nas confecções e a possibilidade de encontrar amigos e paquerar. Nela são realizados campeonatos de futsal com equipes formadas exclusivamente de bolivianos ou de brasileiros, ou ainda de jogadores de diferentes nacionalidades (ALVES, 2012, p. 65). Em dias normais, cerca de duas mil pessoas passam pela praça no fim de semana. Já em dias de festas, o público pode atingir até cinco mil pessoas, como na festa de *alasitas*, no dia 24 de janeiro, e no carnaval, com a antiga prática da molhança, que consiste em jogar globos de água nos que lá vão se divertir, ao som de ritmos bolivianos.

A festa de *alasitas*, uma tradição do Departamento de La Paz, é o culto a uma deidade andina, denominada *Ekeko*, ou deus da abundância, cujos adeptos adquirem objetos em miniatura, como casas, carros, máquinas de costura, passaporte, diplomas e notas de dinheiro, sobretudo, dólares, representando o que cada um deseja conquistar. Depois de adquiridos, é preciso levá-los ao *Yatire*, sacerdote andino masculino ou feminino, para realizar o ritual da *Ch'alla*, uma libação à *Pachamama* (Mãe-Terra), pois é ela quem permite a concretização dos sonhos de cada um. Como a maior parte deles é praticante também do catolicismo, a presença de um ministro católico também é requerida para abençoar as *alasitas* (SILVA, 2003, p. 84).

Em razão do processo de desconcentração espacial, as festas de *alasitas* também se multiplicaram pela cidade, e são realizadas em municípios vizinhos, entre eles Guarulhos, na grande São Paulo. Assim sendo, além da praça Kantuta, esta festa passou

a ser realizada também na rua Coimbra, bairro do Brás e no parque Dom Pedro, região central da cidade.

A outra organização, a Associação Cultural de Grupos e Conjuntos Folclóricos Bolívia/Brasil, criada em 2007, em parceria com a Pastoral do Migrante, objetiva organizar a apresentação dos grupos folclóricos existentes na cidade<sup>2</sup>, particularmente nas festas cívico-religiosas do mês de agosto, quando se comemora a data da independência da Bolívia no dia 6, e da Virgem de Copacabana, padroeira daquele país, no dia 5. A criação desta associação se deu em razão da transferência das festas devocionais para o espaço do Memorial da América Latina, região Oeste da cidade, pois o lugar onde eram realizadas desde 1995, o pátio da igreja N. Sra. da Paz, no bairro da Liberdade, tornou-se pequeno para acolher tantos devotos e visitantes. As consequências desta mudança serão apontadas mais à frente.

Se por um lado, os desafios sociais enfrentados pela comunidade boliviana em São Paulo se ampliaram e se complexificaram nos últimos anos, em razão de suas diferenças étnicas, regionais, etárias e profissionais, inclusive, no que se refere ao preconceito enfrentado pelos costureiros(as) e seus filhos em escolas paulistanas (SILVA, 2012, p. 31), por outro, a apropriação de espaços públicos na cidade é um sinal de que eles querem dialogar com o contexto paulistano, em busca do reconhecimento de suas diferenças étnico-culturais.

### **O ciclo das festas devocionais**

Se a presença boliviana em São Paulo não é um fato recente, pois tal presença já pode ser notada no início dos anos 50 do século XX (SILVA, 1997, p. 82), o início do ciclo de festas devocionais na comunidade começou a ser engendrado no final dos anos 80 (SILVA, 2003, p. 60). A origem desse ciclo festivo foi a promessa à Virgem de

---

<sup>2</sup> Entre os grupos que compõem essa associação temos a Fraternidad Morenada Bolívia Central; Fraternidad Morenada Nueva Revelación 2004; Fraternidad Morenada Juventud Intocables; Fraternidad Tynkus Bolivia Wuaynalisos; Fraternidad Kullayuada Juventud Rebelde; Fraternidad Kullayuada Esmeraldas del Valle; Fraternidad Diablada 10 de Febrero; Ballet Folclórico boliviano; Grupo Nuestra Bolivia; Grupo Kantuta Bolívia; Grupo Autoctono Flor de Phuyas, entre outros (Alves, 2012, p. 68). Vale notar que muitos desses grupos alugam suas roupas na Bolívia para suas apresentações em São Paulo, cujo aluguel pode custar em torno de mil reais para dois dias de festas.

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

*Urkupiña*<sup>3</sup>, feita pela senhora Juanita Trigo, uma cochabambina cujo objetivo era comprar uma casa. Segundo ela, a promessa foi feita em 1984, quando ela trouxe a imagem da Bolívia e, dois anos depois, ela já havia realizado o seu sonho. O cumprimento da promessa gerou um dos ciclos de festas entre os bolivianos em São Paulo, pois como aponta Genep (1978), a promessa é um dos procedimentos de agregação social.

As festas devocionais são realizadas, tanto na Bolívia quanto no Brasil a partir de uma tradição camponesa que é o *Presterío*, ou seja, a escolha anual de um festeiro que se encarrega de organizar a festa. Na verdade, quem o “escolhe” é a Virgem e, portanto, quando alguém recebe a indicação do grupo não pode recusar, pois, o dom recebido e não retribuído pode se transformar em contra-dom, ou seja, em infortúnio, além de ficar mal visto na comunidade. Nessa perspectiva, o *preste*, ou festeiro é aquele que fez um empréstimo e, que, portanto, tem a obrigação de retribuir o dom em forma de festa. E, para ajudá-lo nesta empreitada, ele conta com a ajuda de “padrinhos”, cuja contribuição pode ser a contratação de um grupo musical, a decoração da igreja, os fogos de artifícios, as *colitas*, pequenas lembranças oferecidas aos participantes, etc.. A contribuição destas pessoas gera uma forma de compadrio ritual com o festeiro, a partir da lógica da reciprocidade. Nesse sentido, um padrinho é um festeiro em potencial, pois é de dentro do círculo de amizade e cooperação que ele é escolhido anualmente.

Estas festas eram realizadas na residência de dona Juanita, com a presença de um padre da Pastoral do Migrante, que ia até lá realizar o ritual da missa. Contudo, esse cenário mudou com a visita de missionários bolivianos em 1994, os quais trouxeram uma imagem da Virgem de Copacabana, a qual foi entronizada solenemente numa capela lateral da igreja N. Sra. da Paz, sede da Pastoral do Migrante em São Paulo. Naquele momento foi escolhido o primeiro festeiro, o senhor Roberto Fernandes (falecido), que recebeu a incumbência de realizar a primeira festa de N. Sra. de Copacabana na referida igreja, em 1995. O mesmo aconteceu com a festa da Virgem de *Urkupiña*, da senhora Juanita, a qual passou a ser realizada na mesma igreja, migrando,

---

<sup>3</sup> A devoção a Virgem de *Urkupiña* teve sua origem em Quillacollo, uma pequena cidade próxima a Cochabamba, na região Central da Bolívia. Segundo o mito, uma pastorinha estava cuidando de suas ovelhas e viu uma senhora com uma criança em seus braços em cima de uma pedra, num monte próximo onde ela estava. Daí vem o nome em quéchua, *Orko pina*, que significa aquela que está sobre o monte. A virgem teria dado uma pedra à menina, a qual se transformou em dinheiro. É a partir dessa crença que surgiu a tradição de retirar pedras no lugar da aparição da Virgem e pedir que ela as transforme em bens, como dinheiro, casas, carros, diplomas, etc. (SILVA, 2003, p.122).

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

desta forma, da esfera privada para a pública. A partir de então estas festas passaram a ser da comunidade boliviana em São Paulo e não apenas de um grupo de devotos. Neste local, a festa da padroeira da Bolívia era realizada no primeiro sábado de agosto, enquanto a de *Urkupiña*, no segundo domingo do mesmo mês.

Vale notar que outra festa devocional realizada na cidade, a da Virgem de *Cotoca*, uma devoção de Santa Cruz de La Sierra, continuou sendo feita no âmbito do privado, talvez por não seguir a mesma forma de organização das demais, ou seja, a partir da instituição do *Presterío*.

A realização das festas devocionais no espaço eclesial implicava, na verdade, uma negociação constante das regras que deveriam ser observadas pelos bolivianos. Entre elas, destacam-se a obrigação de estar em dia com os sacramentos, entre eles o do matrimônio, participar das atividades da Pastoral, observar os horários para o término dos festejos, entre outros. Entre as regras fixadas, a que mais causou resistência da parte dos bolivianos foi a de que a indicação do futuro festeiro deveria passar pela prévia aprovação da Pastoral, ou seja, o critério eclesial deveria prevalecer sobre o da reciprocidade, interferindo, desta forma, na reprodução das relações de compadrio que a instituição do *Presterío* engendra.

Com o aumento do número de participantes nas festas devocionais, o salão paroquial ficou pequeno e foi construída uma grande carpa de lona no pátio externo da igreja N. Sra. da Paz, onde durante uma década foram realizadas as festividades religiosas da comunidade boliviana em São Paulo. Se, por um lado, a grande festa aglutinava grande parte dos bolivianos na cidade, por outro, ela não anulou o ciclo de festas familiares, o qual continuou a ser realizado nas residências ou em locais alugados pelos festeiros.

A festa como um “fato social total” (MAUSS, 1974), mobiliza diferentes instituições e interesses, e, no caso das festas bolivianas, elas mobilizam a comunidade através dos novenários, que são feitos sob a coordenação da Pastoral do Migrante durante os nove meses que antecedem as festas do mês de agosto. Estas reuniões acontecem nas residências dos devotos ou em salões alugados por eles para abrigar um número maior de participantes. Nessa perspectiva, a novena é a antecipação da grande festa, pois, além dos rituais religiosos, as novenas são espaços de sociabilidade e de encontro entre os compadres, devotos e amigos. Nesses encontros, a dança, as comidas



## Religião, migração e cultura Imagens da fé

típicas e a bebida contribuem para reforçar os laços de pertença a uma origem comum, num contexto marcado, às vezes, pela exploração do trabalho, pela discriminação e pelas relações impessoais que a metrópole propicia.

Como um “rito de passagem”, as festas devocionais apresentam uma estrutura tripartite, ou seja, o dia que antecede as festividades, denominado por eles de “verbena”, o dia da festa propriamente dito e o dia posterior, a despedida. Na igreja N. Sra. da Paz, na véspera, eram feitos os preparativos dos espaços interno e externo da festa, como a troca do manto da virgem, feito pelas mulheres, os ensaios de alguns grupos folclóricos e a preparação da parte litúrgica. Nessa noite eram oferecidos aos colaboradores bebidas e a tradicional *salteña*. No sábado pela manhã, dia da festa, eram feitos os últimos preparativos, entre eles a preparação dos arcos no lado externo da igreja, por onde teria passado a imagem da Virgem. Em geral eles são adornados com o tradicional *aguayo*, um tecido multicolorido utilizado na Bolívia para cobrir as camas, mesas, carregar as crianças e os alimentos. Neles são colocados elementos da cultura material, como objetos de prata, instrumentos musicais, símbolos pátrios, entre eles a bandeira multicolorida da *Wipala*, símbolo do movimento indígena na Bolívia.

**Figura 1**



*N. Sra. de Copacabana e Arcos na igreja de N. Sra. da Paz. Acervo do autor.*

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

Enquanto isso, na casa do festeiro eram montados os *cargamentos*<sup>4</sup>, de onde saia a carreta com a imagem da santa em direção à igreja N. Sra. da Paz, lugar oficial dos festejos. Concluído o trabalho de ornamentação dos carros, é indispensável realizar o ritual da *ch'alla*, libação com cerveja aos seres tutelares, entre eles a *Pachamama*. Vale notar que, num dos *cargamentos*, foi constatada a presença de uma representação em argila desta deidade, ou seja, a figura de uma mãe com seu filho e cercada de animais mitológicos que representam a vida e sua reprodução no seio da Mãe-Terra.

Figura 2



N. Sra. de Copacabana e cargamento. Acervo do autor.

<sup>4</sup> Para Laumonier (1991), o *cargamento* é um antigo costume das zonas mineiras, onde os animais eram carregados de produtos de prata e outros metais, simbolizando a abundância de toda riqueza obtida da terra, a qual é oferecida à Virgem em agradecimento. Em um dia de festa até mesmo os animais utilizados no trabalho diário devem ser adornados para serem oferecidos como oblação.

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

Por volta do meio dia a carreata partia com os festeiros em direção à referida igreja, passando por várias ruas da cidade, fato que causava admiração e estranhamento da parte de brasileiros que a presenciavam. Ao chegar no início da rua do Glicério, a carreata fazia uma pausa e o andor da Virgem era retirado do carro e passava a ser carregado pelos festeiros e devotos que formavam uma procissão até a igreja N. Sra. da Paz. Em seguida, vinham alguns grupos folclóricos, entre eles, a *morenada*, *caporales*, *diablada*, acompanhados por uma banda de metal. Já no pátio da igreja a imagem da Virgem era recebida com uma grande queima de fogos de artifícios e com papel picado que é jogado na imagem e sobre a cabeça dos festeiros, como um sinal de benção.

A entrada no templo era marcada também por forte emoção, pois nesse momento eram executados os hinos do Brasil e da Bolívia – somente na festa da Virgem de Copacabana, a padroeira nacional – o qual era cantado com entusiasmo pelos bolivianos(as) presentes. Durante a liturgia da missa, vale destacar o ritual das oferendas, quando dançarinos, vestidos tipicamente de acordo com os costumes de cada região do país, entravam dançando para homenagear a Virgem. Entre as danças bolivianas apresentadas, chamava a atenção de todos os presentes a *diablada*, que simboliza a luta do bem e do mal. O dançarino entrava com a máscara de *diablo* na cabeça, mas quando ele se aproximava da imagem da Virgem, a retirava e lhe rendia homenagem. Naquele espaço a santa era soberana e vencia o mal, pisando a cabeça da serpente, como descreve a alegoria bíblica do livro do Apocalipse, no capítulo 12.

No final da cerimônia, antes de levar a imagem da santa para o exterior da igreja para participar da festa, acontecia a benção com o manto. Nesse momento os devotos se aproximavam para serem cobertos com o manto da Mãe que acolhe seus filhos dispersos pela migração. Vale notar que o manto foi trazido pelos missionários bolivianos, que foram buscá-lo ao santuário de Nossa Sra. de Copacabana, o qual fica no Altiplano boliviano, às margens do Lago Titicaca. Finalizado este ritual, a imagem era transladada para o pátio exterior, onde era colocada num altar devidamente decorado com muitas flores e lá permanecia até o final dos festejos.

Na festa da Virgem de *Urkupiña* uma singularidade merece ser destacada. Nela eram distribuídas pedrinhas, simbolizando o ritual mágico-religioso da retirada das pedras que é realizado em Quillacollo, Bolívia, local da aparição da Virgem Maria. Naquele contexto, o tamanho da lasca de pedra que o devoto conseguir arrancar com um

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

único golpe de maretá, simboliza também o tamanho do dom que a Virgem/Mãe/Terra lhe dará, o qual deverá ser retribuído, em geral, em forma de festa.

Concluída a parte litúrgica da festa, ou seja, a primeira comensalidade, começava a segunda, com a apresentação dos grupos folclóricos, entre eles as *morenadas*, os *caporales*, os *tinkus* e as *diabladas*. Enquanto apreciavam as danças, os participantes aproveitavam as barracas de comidas para comer alguma coisa e brindar com os amigos. Vale lembrar que, antes de tomar o primeiro gole, é costume dizer *Salud!* e *ch'llar*, ou seja, oferecer as primeiras gotas à *Pachamama*. A comida e a bebida eram vendidas, pois numa festa onde se reuniam de duas a três mil pessoas, era impossível prover alimentação gratuita para todos, como manda a tradição do *Presterío*. Nas festas privadas já é obrigação do festeiro prover comida gratuita para os convidados, pois, ele é um elemento de mediação na distribuição de dons entre a esfera do sagrado e a da comunidade.

Nessa circulação de dons, vale destacar a tradição do *ayní*, presentes trazidos pelos compadres, em geral caixas de cervejas, as quais eram colocadas na entrada do espaço da festa, chamando a atenção de todos pela quantidade, podendo chegar a várias dezenas. Quando alguém chegava com o seu *ayní*, uma música de suspense era tocada e o festeiro se dirigia até a entrada do recinto para recebê-lo. Nesse momento eles brindavam e agradeciam à *Pachamama*, realizando a *ch'alla* do dom, que deve ser retribuído no momento oportuno. Em alguns casos, alguém anotava num caderno o nome do doador e a quantidade de caixas oferecidas, gesto que revela a obrigação moral de restituir.

Por volta das nove horas da noite, acontecia o momento mais esperado, ou seja, o ritual da passagem dos encargos da festa. É nesse momento que o novo festeiro é conhecido e recebe a faixa do atual. Em geral, ele é escolhido dentro do círculo de amizade do festeiro e deve ter alguma projeção econômica para arcar com boa parte das despesas da festa, sobretudo com uma boa banda de música. O ritual consiste em repetir por três vezes a dança da *cueca*<sup>5</sup> com os casais de festeiros – o atual, o do ano vindouro e o do posterior – de pares trocados. Depois de estarem devidamente posicionados no centro do local, a banda executava *la primerita cueca*, e durante a dança o ritmo era

---

<sup>5</sup> “Danza de pareja suelta interdependiente, donde “la pareja realiza sus evoluciones con otras parejas”. La cueca boliviana canta al amor, al desengano, a la tristeza, particularmente a los estados del alma o sentimientos que preocupa al hombre” (CANDIA, 1982, p. 319).

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

interrompido para que os casais brindassem, em geral com cerveja. Em algumas festas havia também a chicha, bebida fermentada do milho. Nesse momento os casais brindavam com os braços entrecruzados e sob a pressão dos participantes que gritavam *seco, seco, seco*, que quer dizer “virar o copo de uma só vez”. Terminado o brinde, a música seguia até o fim. Novamente o ritual era repetido e era executada *la segundita*, para que os casais pudessem brindar com outro tipo de bebida. Em seguida, era anunciado o nome do festeiro do ano posterior e era executada *la tercerita*, para que ele pudesse entrar também na dança e brindar com os demais festeiros. No final do ritual eles eram condecorados com insígnias, *colitas* (pequenas recordações) e *cotillones* (Chapéus coloridos de papel ou palha) e eram cumprimentados por todos com muito papel picado, que era depositado nas cabeças de todos, como um sinal de benção e abundância. Em seguida, a banda tocava um *wayño*, um ritmo acelerado que contagiava a todos.

Por volta da meia noite os festeiros eram convidados a recolher a imagem da santa para o interior do templo, e nesse momento a comoção tomava conta de alguns devotos, pois era sinal de que os festejos estavam finalizando, até que um novo ciclo de festas tivesse início, com o novenário no mês de novembro.

Para os festeiros, havia ainda a despedida da festa, ou seja, a *kacharpaya*, realizada no domingo para os convidados e compadres em um local alugado por eles para agradecer aos que colaboraram com a realização da festa. Neste dia havia também a oferta de *aynis*, ou seja, caixas de cervejas.

Com o aumento de participantes, a cada ano, problemas de infraestrutura começaram a incomodar tanto os dirigentes da Pastoral, quanto a população do bairro onde está localizada a igreja N. Sra. da Paz, a qual reclamava do barulho das bandas de música e do lixo acumulado no final dos festejos. Foi então que surgiu a ideia de transferir a festa para um espaço mais amplo e melhor estruturado. E o lugar escolhido foi o Memorial da América Latina, espaço construído na década de 1980, exatamente para divulgar a cultura hispano-americana em São Paulo, num contexto de uma possível integração latino-americana, que começava a ser delineada e costurada pelo Brasil.

A migração da festa de um espaço eclesial para outro público aconteceu em agosto de 2006. As opiniões se dividiram frente às implicações desta decisão, pois ela significava uma mudança, não só do espaço, mas dos sentidos da própria festa. Para

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

alguns devotos a transferência significaria a “perda” do sentido religioso da festa. Para a Pastoral poderia significar a perda do controle da festa, pois ela seria convidada apenas para realizar os ritos religiosos. Para outros, representava uma oportunidade de negócios, sobretudo, com a venda de comidas e bebidas. Para os grupos folclóricos, seria uma oportunidade de mostrar suas danças e performances para um público mais amplo, além dos bolivianos. Nesse sentido, brasileiros começavam a conhecer uma outra faceta desses imigrantes, a de sua diversidade cultural. No limite, a festa boliviana deixava de ser uma festa “privada”, marcada particularmente pelo sentido da devoção, para tornar-se uma festa pública, ou seja, “folclórica”, onde os signos do sagrado são obscurecidos pelo espetáculo e pela competição, já que há uma premiação dos melhores grupos que se apresentam na festa. Nessa perspectiva, teríamos um processo de “oficialização” da festa, já que a mesma passou a fazer parte do calendário turístico da cidade de São Paulo, fato que enseja diferentes interpretações.

**Figura 3**



*Morenada no Memorial da América Latina. Acervo do autor.*

### **As festas num contexto de permanências e mudanças**

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

A invenção de tradições, como sugere Sahlins (1990, p. 190), supõe alguma tradição, pois do contrário, “o mundo seria um hospício”. Isto significa que práticas culturais de longa duração, como é o caso de festas populares, seus sentidos, podem ser resignificados num novo contexto, a partir da ação e interesses dos sujeitos envolvidos em tal prática. É o que aconteceu com a tradição do *Presterío* em São Paulo. Se no país de origem a função distributiva do festeiro é central e a realização de uma festa com comida e bebida abundantes reforça o seu prestígio junto à comunidade, no novo contexto, o prestígio dele é remarcado por outros aspectos da festa, como, por exemplo, sua capacidade de organizar uma boa festa, que inclui a disponibilidade de recursos para a contratação de uma banda ou grupo musical, de preferência, algum que tenha prestígio internacional. Foi o que aconteceu na festa de Copacabana de 2015, quando o seu festeiro trouxe um dos grupos mais conhecidos na Bolívia e no exterior, os *Kjarkas*. Isso implica no desembolso de uma alta soma de dinheiro, cujo custo é bancado em parte pelo festeiro e em parte pela venda de bebidas durante a festa, considerando o grande público que participa dos festejos no Memorial da América Latina, cerca de vinte mil num único fim de semana.

A mudança das festas devocionais para o novo espaço implicou também num condensamento das duas festas, a de Copacabana e a de *Urkupiña* num único fim de semana, no primeiro sábado e domingo de agosto. Anteriormente, essas festas eram realizadas em dois fins de semana e reuniam também diferentes públicos, isto porque na festa de Copacabana a presença de costureiros era mais significativa. Se no primeiro ano da mudança, a parte religiosa da festa foi feita num dos salões do referido Memorial, nos anos seguintes ela foi desmembrada da parte cultural e voltou a ser feita na igreja N. Sra. da Paz. Além destas mudanças, outras podem ser verificadas, como a não realização dos *cargamentos* e arcos, elementos simbólicos que remetem a uma cosmologia andina, conferindo a estas festividades significados particulares, além do seu aspecto estético.

Se, naquele momento de mudanças, havia a preocupação entre os dirigentes da Pastoral do Migrante de que a mudança do lugar das festas poderia resultar também num distanciamento da própria ação da Igreja junto a estes imigrantes, o que se verificou na verdade, foi a diminuição da sua mediação no processo organizativo das festas na cidade, mas não da sua missão religiosa. O fato é que eles continuam

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

solicitando da Pastoral este serviço durante o ciclo de festas devocionais, o qual começa em novembro com os novenários e tem o seu ponto alto em agosto com a grande festa, tida como a festa “oficial” da comunidade em São Paulo. Porém, a festa oficial não anulou a dinâmica das festas realizadas dentro da comunidade, as quais vão além do mês de agosto e se estendem até o mês de outubro, e com um diferencial: as liturgias são feitas em castelhano, não somente na sede principal da Pastoral do Migrante, a igreja N. Sra. da Paz, mas também em outras igrejas espalhadas pela cidade onde os imigrantes recebem assistência religiosa. Segundo o coordenador da Pastoral, padre Alejandro, há pelo menos trinta festas devocionais por ano na Região Metropolitana, incluindo as devoções marianas e as de outros santos do hagiológico católico, porém, menos conhecidos, em razão do caráter regional dessas devoções.

Para além de sua dimensão política, econômica, cultural e religiosa, as festas devocionais realizadas, seja no âmbito do público ou do privado, revelam a riqueza cultural e étnica dos bolivianos em São Paulo, frequentemente rotulados como gente de “pouca cultura” e de origem indígena ou camponesa. Porém, se olharmos estas festividades a partir do ponto de vista da dinâmica cultural, veremos que elas dialogam perfeitamente com outras festas populares no contexto brasileiro, entre elas, as festas do Divino, dos Reisados, das Congadas, dos Boi-bumbás, entre outras. Tais festas, originalmente realizadas no meio rural brasileiro, são recriadas no contexto urbano, em razão da acentuada migração interna que contribuiu para o deslocamento de milhões de brasileiros para as cidades, a partir da segunda metade do século XX.

Se no contexto urbano, as relações impessoais e de competição tendem a prevalecer, a partir da lógica da reprodução do capital, a recriação de festas devocionais na cidade, revelam que este tipo de relação não anula outras formas de trocas, pautadas na lógica da reciprocidade e do intercâmbio de dons entre as pessoas e o Sagrado. Além disso, elas expressam um substrato cultural comum, tanto para brasileiros quanto para bolivianos, pois ambas tradições culturais tiveram influências das três matrizes formadoras das culturas latino-americanas, a saber, a indígena, a ibérica e a africana. Desse ponto de vista, não é difícil perceber elementos culturais comuns entre bolivianos e brasileiros, como a devoção à Virgem Maria e aos Santos, junto com práticas mágico-religiosas, sem que isso represente um problema teológico ou moral para seus adeptos. Tanto o culto boliviano à *Pachamama* andina, como o culto afro-brasileiro à Iemanjá,



## Religião, migração e cultura Imagens da fé

apresentam zona de sobreposição com respeito ao culto à Virgem Maria da tradição católica; constituindo-se práticas que não são sincréticas – enquanto, mistura, junção ou fusão – mas de convergência ou adaptação (FERRETTI, 1995, p. 91).

Outras semelhanças podem ser observadas no âmbito das expressões corporais, estéticas e rítmicas, como é o caso das danças populares que tiveram influência de culturas africanas e indígenas, como é o caso da *Morenada*, *Diablada* e *Caporales* na Bolívia e das Congadas, Maracatus e Boi-bumbás no Brasil. Em ambos os contextos, estas danças evocam, em primeiro lugar, um passado histórico comum, marcado pela experiência traumática da escravidão do indígena e do negro, pelo sistema colonial hispânico ou português. Nesse processo brutal de anulação de si mesmo, segundo Darcy Ribeiro, só havia duas possibilidades, “sair pela porta da morte ou pela da fuga” (RIBEIRO, 1995, p. 118). Contudo, o espaço da devoção e da festa expressa exatamente o contrário, a possibilidade de escapar desta falta de sentido, recriando a cultura a partir de seus próprios referenciais, cujas formas materiais e estéticas, expressas através de suas tramas dramáticas e burlescas, denunciam os conflitos e silenciamentos impostos por diferentes instituições que representavam o empreendimento colonial.

Em segundo lugar, tais danças, rotuladas como danças de “índios” ou de “negros”, são hoje veiculadoras de identidades positivas em diferentes contextos urbanos, particularmente, aqueles marcados pela migração, seja ela interna ou internacional. Contrapondo-se aos pessimistas que apostam na dissolução das formas culturais no mundo contemporâneo, Sahlins (1997), afirma que a cultura não é um “objeto” em extinção, mas é continuamente resignificada na prática, porque ela é histórica e suas fronteiras são flexíveis e atravessadas por diferentes fenômenos, entre eles o da mobilidade humana.

### Referências

- ALVES, Ubiratan S. *Praça Kantuta: um pedacinho da Bolívia em São Paulo*. São Paulo: Todas as Musas, 2012.
- BARTH, Fredrik. *Los Grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.
- CANDIA, Antônio Paredes. *De la Tradición Paceña*. La Paz: Librería Editorial Popular, Ediciones ISLA, 1982.

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

- COELHO, Tito Oliveira. Interpretando interação espacial: fixos e fluxos, peregrinação, migração e ritual na folia de Reis. *Textos escolhidos de Cultura e Arte Populares*, V.8, n.1, maio de 2011, p. 179-192.
- CORREA, Juliana. A G. A Arte de Festejar: da alternância da festa e de suas pressões materiais. *Textos escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 10, n.1, maio, 2013, p. 183-199.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FERRETTI, Sergio F. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp; São Luís: FAPEMA, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GENNEP, Arnold van. *Os Ritos de Passagem*. São Paulo: Vozes, 1978.
- GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLAN-SZABTON, Cristina. *Towards a transnational perspective on migration*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1995.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LAUMONIER, Isabel. Festividade de Nossa Senhora de Copacabana. *Travessia*, Revista do Migrante, São Paulo, CEM, ano IV, n.11, set/dez de 1991, p. 27-36.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. V. I e II. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.
- MELLO MORAES FILHO, J. Alexandre. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979.
- MONTES, Maria Lúcia. Patrimônio intangível e manifestações religiosas na cultura popular. In: BRAGA, Sergio I.G. (Org.). *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: EDUA, 2007.
- MOURA, Margarida Maria. Devoções marianas na vila e na roça. *Cadernos do CERU*, série 2, São Paulo (8), 1997, p. 121-134.
- RIBEIRO, Darcy. *Viva o Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, CEM, ano XIII, número especial, janeiro, 2000, p. 7-19.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em extinção. *Mana*, 3, 1997, (1) p. 41-73; 3, (2) p. 103-150.

## Religião, migração e cultura Imagens da fé

SANCHIS, Pierre. *Arraial: festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SILVA, Sidney A. *Costurando Sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney A. Ser *Pasante* em São Paulo: prática ritual entre os imigrantes bolivianos. In: SCHARCZ, Lilia. K. M & GOMES, Nilma, L. (Orgs). *Antropologia e História: debate em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 173-189.

SILVA, Sidney A. *VIRGEM/MÃE/TERRA: Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2003.

SILVA, Sidney A. *Bolivianos: a presença da cultura Andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005a.

SILVA, Sidney A. A Praça é Nossa. Faces do Preconceito num Bairro Paulistano. *Travessia*, n. 51, jan./abril, 2005b, p. 39-44.

SILVA, Sidney A. Bolivianos, em São Paulo: entre o sonho e a realidade, *Estudos Avançados*, N. 57, maio/agosto, 2006, p. 157-170.

SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e processos identitários. In: BAENINGER, Rosana (Org). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: NEPO, 2012.

TAVARES, Fátima & BASSI, Francesca. *Festas na Baía de Todos os Santos*. Salvador: EDUFBA, 2015.

TINHORÃO, José Ramos. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000.